

POR NÓS E POR QUEM VIRÁ: DO BARRO AO ASFALTO, DA RAIZ À VOZ
COLETIVO QUILOMBO/JUVENTUDE DA EPS RUMO AO 60º CONGRESSO DA
UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES

APRESENTAÇÃO

O Coletivo Quilombo nasce enraizado na luta antirracista, rompendo o concreto de um sistema que fortalece, além do racismo, todas as formas de desigualdade presentes em nossa sociedade. Ecoamos a voz preta, indígena, feminista, LGBTQIAPN+, estudantil, jovem, sem-terra e sem-teto. Somos a diversidade de um povo, mas também somos um só, conscientes de que a conquista dos nossos direitos não pode ser fragmentada.

A construção do projeto popular passa pela luta contra as opressões e desigualdades, organizando a juventude para levar a essência da classe trabalhadora e das nossas cores ao enfrentamento desse sistema que nos extermina. Jovens universitários, secundaristas, trabalhadores, os que ocupam seus territórios, representando suas ancestralidades, lutam por um presente mais justo e pela garantia de um futuro cada vez melhor para os que virão. Transformamos a raiz em voz: **POR NÓS E POR QUEM VIRÁ.**

CONJUNTURA: O AMANHÃ PERTENCE A NÓS!

O mundo e a América Latina

A crise profunda, permanente e prolongada do sistema capitalista adoece nossa juventude. Sua sobrevivência é afetada diretamente por essas crises que colocam em risco os sonhos, as angústias e as vidas. Em prol da manutenção do poder na mão de poucos. Com a crise do neoliberalismo, vivemos uma nova onda do capitalismo, que herda sua postura agressiva e o incentivo às desigualdades. Mas, com o avanço da tecnologia, essa nova onda capitalista se apropriou de um novo instrumento de dominação, as redes sociais. Sabemos que o controle das informações, dos jornais e das televisões sempre foram usados para defender o sistema capitalista. Devido a mudança do perfil da classe trabalhadora, o fenômeno da globalização e as redes sociais possibilitaram que o controle e a dominação capitalista alcançassem o mundo. Com isso vimos a ascensão em massa da parte mais mórbida do capitalismo, a extrema direita.

Enquanto isso, nosso povo falece, e nossa juventude sobrevive com falta de sonhos, perspectivas, enfrentando o encarceramento e o genocídio, enxergando um mundo onde a ruína e a miséria parecem dilacerar a possibilidade de mudanças. Presenciamos, um mundo de terra arrasada, assolado por uma pandemia global, pela guerra, pelas mudanças climáticas e acentuando as desigualdades de classe, gênero, raça e sexualidade. Novamente, o capitalismo enfrenta crises, ambiental, social e diplomática. Mas, nós resistiremos, nós lutamos, nós sonhamos!

O Brasil e os BRICS tentam a união da América Latino Caribenha, pela inserção de novos países no bloco, e a política brasileira de fortalecimento do Mercosul. Há um caminho alternativo na Nova Governança Global de um mundo multipolar, encabeçada pelo BRICS. Que busca enfraquecer, inclusive nas tentativas de **desdolarização** da economia, o poder homogêneo dos EUA. Dessa forma, além dos BRICS apresentarem uma forte aliança global, as suas nações representam potências regionais que buscam diminuir a influência dos países do Norte Global em seus territórios.

O Brasil

Desde o golpe, conquistas e direitos da classe trabalhadora foram retirados e sufocados. Ainda, assistimos a perseguição política do Partido dos Trabalhadores e do Presidente Lula, esses fatores, por um momento, enfraqueceram a organização popular. Entretanto, conseguimos reverter a história, soltamos o Presidente Lula, fortalecemos o Partido dos Trabalhadores e derrotamos Bolsonaro nas urnas. Apesar da vitória nas urnas, encontramos logo no início do mandato de Lula, um ataque terrorista no dia 8 de janeiro, que destruiu as instituições da democracia brasileira, esse ataque, organizado e financiado pela extrema direita, pelo agronegócio, pelas forças armadas e por Bolsonaro, pôs a prova o caráter facista dos nossos opositores diante a história e ao povo brasileiro. Hoje com a forte mobilização popular, conseguimos tornar réus Bolsonaro e os outros 7 militares que comandaram a ação golpista. O gesto de anistiar os militares em seus atos contra o povo é parte significativa de nossa história, por isso é preciso ocuparmos a ruas e praças, queremos que eles sejam punidos pelos atos antidemocráticos do dia 8 de janeiro, SEM ANISTIA PARA GOLPISTAS!

EDUCAÇÃO COMO ATO POLÍTICO E CAMINHOS PARA A EMANCIPAÇÃO COLETIVA

A educação deve ser instrumento de transformação social e afirmação da dignidade humana. No Brasil, onde persistem desigualdades históricas, a defesa de uma educação pública, democrática e de qualidade é urgente. A UNE tem papel estratégico nessa luta, enfrentando cortes, desvalorização profissional, evasão e políticas que ameaçam a autonomia das instituições e o direito à permanência estudantil.

Problemas como formação docente insuficiente, precarização da EJA, ensino médio desarticulado e expansão desregulada da EaD afetam principalmente os mais vulneráveis. A falta de transporte intermunicipal gratuito, a infraestrutura precária e o abandono de políticas inclusivas aprofundam desigualdades.

A permanência exige políticas robustas como a regulamentação do PNAES e programas como o PIBID e Pé-de-Meia, mas é necessário superar critérios meritocráticos e ampliar o alcance. Valorizar a docência é garantir salários justos, carreira, formação continuada e respeito.

O Novo Ensino Médio, com lógica fragmentada e tecnicista, ameaça o direito à formação crítica, excluindo disciplinas essenciais como Artes, Filosofia e Espanhol, e enfraquecendo as

licenciaturas. A UNE defende sua revogação e a construção de um modelo que promova o pensamento livre, a sensibilidade e o compromisso social.

A pesquisa sofre com subfinanciamento, burocratização e desvalorização, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. É preciso uma ciência enraizada nas urgências do povo, com autonomia e políticas de longo prazo. O financiamento da educação e da ciência deve ser garantido com os recursos do pré-sal e o cumprimento das metas do PNE.

A extensão deve ser parte orgânica da universidade, conectando saber acadêmico e popular, territórios e movimentos sociais. Ela deve dialogar com comunidades indígenas, quilombolas e periféricas, valorizando saberes tradicionais e promovendo justiça social.

Democratizar a universidade significa abrir suas estruturas à participação popular e construir projetos pedagógicos voltados ao interesse público. A UNE reafirma seu compromisso com uma educação que floresça da vida, combata opressões e forme sujeitos conscientes, éticos e transformadores.

DAS RUAS AS SALAS: A FORÇA TRANSFORMADORA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL

O movimento estudantil sempre teve um papel fundamental no enfrentamento às opressões e na luta por uma educação pública, gratuita, de qualidade e socialmente referenciada. Em diferentes momentos da nossa história, foi a organização dos estudantes em seus coletivos, centros acadêmicos, diretórios centrais estudantis, na UBES e UNE que impulsionaram transformações profundas na sociedade brasileira. Desde a resistência à ditadura militar, quando milhares de estudantes foram perseguidos, presos e assassinados por lutarem pela democracia e pela liberdade, até as mobilizações pelas Diretas Já e pelo Fora Collor, a juventude organizada sempre esteve na linha de frente das principais disputas políticas do país.

A reconstrução da UNE nos anos 1970, após sua cassação durante a ditadura, marcou o renascimento da luta estudantil. A entidade voltou a ser protagonista nas batalhas pela redemocratização e, ao longo das décadas seguintes, contribuiu para conquistas históricas como a implementação do ProUni, a criação do FIES, a expansão do ensino superior público com o Reuni, a Lei de Cotas raciais e sociais, a meia-entrada estudantil e o fortalecimento das instituições de ensino federais e estaduais.

Hoje, mais do que nunca, é urgente que os e as estudantes compreendam a importância de se organizar coletivamente. Vivemos um momento em que setores da extrema direita tentam, a todo custo, criminalizar as entidades e coletivos que atuam na linha de frente do movimento estudantil. Mesmo sem presença real no chão das escolas e universidades, esses grupos têm utilizado as redes sociais como principal ferramenta para espalhar desinformação e ataques contra as organizações estudantis, principalmente contra a União Nacional dos Estudantes. Esse discurso conservador, mentiroso e antidemocrático tem ganhado espaço e dificultando a

mobilização estudantil, fazendo com que muitos estudantes se sintam desmotivados ou inseguros para somar-se às lutas.

Apesar disso, seguimos acumulando vitórias importantes nos últimos períodos: a ampliação de bolsas permanência e auxílios estudantis; a manutenção das cotas raciais e sociais nas universidades; a criação do programa Pé-de-Meia, voltado ao incentivo das licenciaturas; a consolidação do Enem como principal porta de entrada no ensino superior; e a luta contínua contra os cortes de verbas na educação pública. Essas conquistas não vieram de graça — foram frutos da mobilização, da pressão e da resistência organizada dos estudantes.

A UNE precisa ser cada vez mais presente e atuante. É através de sua diretoria e de seu legado que conseguimos adentrar as universidades brasileiras, levando nossas pautas e bandeiras. Mas sabemos que ainda há muito a melhorar nessa entidade que representa todos os estudantes do Brasil. É necessário que as atividades da UNE sejam de fácil acesso, principalmente para estudantes em situação de vulnerabilidade. Não dá para cobrarmos por assistência estudantil ao mesmo tempo em que se exige R\$200,00 para que cada estudante possa acompanhar os debates da entidade e representar sua instituição de ensino. Mesmo com valores tão altos, enfrentamos uma estrutura totalmente precarizada, até para coisas básicas como a alimentação ruim, acesso a banheiro e água potável. Na última Bienal da UNE, estudantes voltaram doentes para casa após ingerirem água contaminada por coliformes fecais — a mesma que foi disponibilizada durante o evento. Diante disso, muitos estudantes têm receio ou preferem não participar desses fóruns deliberativos, que são de suma importância para a organização do movimento estudantil em nível nacional.

Situações como essas abrem margem para que a extrema direita — e até setores da oposição de esquerda — questionem a transparência da entidade, principalmente no que diz respeito às finanças. Se queremos uma UNE forte, democrática e representativa, é urgente enfrentarmos esses problemas com autocrítica, responsabilidade e compromisso com as bases.

Por isso, nós do **Coletivo Quilombo** pautamos uma UNE cada vez mais **preta, popular e comprometida com seu papel social**, respeitando a diversidade de coletivos que a constroem. A UNE não é da força A ou B — a UNE é de **todos os estudantes brasileiros** que acreditam na **luta** como principal ferramenta para a construção de uma educação superior **gratuita, popular e de qualidade**.

ASSINAM ESTA TESE:

- 1 Bruna Fernando Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 2 Heraldo Bispo dos Santos Junior - Instituto Federal de Sergipe
- 3 Victoria Karollyne da Silva - Universidade Federal de Sergipe
- 4 Kauanny Bezerra Araújo Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 5 Bruna Aragão Valença Sá - Universidade Federal de Sergipe
- 6 Dário Ferreira Rocha - Universidade Federal de Sergipe
- 7 Fábio Henrique de Souza - Universidade Federal de Sergipe
- 8 Samara Araujo Lisboa - Universidade Federal de Sergipe

- 9 Philipe Santos Oliveira - Universidade Federal de Sergipe
- 10 Wesley Jhuan Silva Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 11 Diarle Beatriz Silva dos Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 12 Murilo Santos de Santana - Universidade Federal de Sergipe
- 13 Eivenny Dheifer Segundo Silva - Universidade Federal de Sergipe
- 14 Vinicius Lima Santos Coimbra - Universidade Federal de Sergipe
- 15 Edvânio Santos da Silva - Universidade Federal de Sergipe
- 16 Renata Santana Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 17 Ketily Bili Souza - Universidade Federal de Sergipe
- 18 Stephanie Rayanne da Conceição Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 19 Janisson Yuri Ferreira Rocha - Universidade Federal de Sergipe
- 20 Willemberg Marques da Silva - Universidade Federal de Sergipe
- 21 Emily Victória Silva de Almeida - Universidade Federal de Sergipe
- 22 Camila Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 23 Adryan Gabriel Soares - Universidade Federal de Sergipe
- 24 Humberto Batista Santos Junior - Universidade Federal de Sergipe
- 25 Netune Victória Bomfim Santos - Universidade Federal de Sergipe
- 26 Marcelo Augusto Rodrigues Barreto - Universidade Federal de Sergipe
- 27 Sarah de Jesus Barbosa - Instituto Federal de Sergipe
- 28 Nayara melo Silva - Instituto Federal de Sergipe
- 29 Thawany Jesus Santos - Instituto Federal de Sergipe
- 30 Ariel Almeida dos Santos - Instituto Federal de Sergipe
- 31 Eliza Vitoria Lino Costa - Centro Universitário Ages Paripiranga - Bahia
- 32 José Renan de Jesus Santos - Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia
- 33 Ottavio Geovanny Neri da Silva - Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia
- 34 Luciene Vieira de Jesus - Universidade Estadual de Feira de Santana - Bahia
- 35 Cauan santa Amorin - Universidade Federal de Goiás
- 36 Molzer Pereira de Oliveira Félix - Universidade Federal de Goiás
- 37 João Pedro Faleiro Guida Mascarenhas - Universidade Federal de Goiás
- 38 Gilberto Manoel da Silva Nunes - Universidade Federal Rural de Pernambuco
- 39 Eduardo Alves dos Santos - Instituto Federal Catarinense - Santa Catarina
- 40 Andy Correia - Instituto Federal Catarinense - Santa Catarina
- 41 Irlan Marley Santos Leitão - UNINASSAU - Sergipe
- 42 Floranita de Jesus Campos - Universidade Tiradentes - Sergipe
- 43 Cibele Moura Santos - Universidade Tiradentes - Sergipe
- 44 Vithória França - PUC CAMPINAS - São Paulo
- 45 Carlos Edmar de Oliveira - Universidade Federal da Bahia
- 46 Saulo Mendes de Brito - Universidade Federal da Bahia
- 47 Rosana Lima Barros - Universidade Federal da Bahia
- 48 Marcos Luan de Souza do Amor Divino - Centro Universitário UniRuy-Wyden - Bahia
- 49 Jéssica Silva Santos - Universidade Federal da Bahia
- 50 Carlos Henrique Viveiros Santos - Universidade do Vale do Rio Doce - Minas Gerais
- 51 Jean Carlos da Silva Junior - Universidade Federal do Acre
- 52 Marçal Ribeiro dos Santos Bisneto - Estácio FASE - Sergipe

